

EDITORIAL

11

Ela está completando vinte anos. E inteiramente repaginada. Quando veio ao mundo, no primeiro semestre de 2000, exibia um projeto gráfico moderno, assinado pela designer Elaine Ramos. Até o número 14, impressa em papel, exibia intervenções exclusivas de artistas como Tunga, Célia Euvaldo, Paulo Monteiro, Cris Bierrenbach. Sem perder régua e compasso universitários, a revista era distribuída pela Editora 34, trazia anúncios de editoras e os leitores podiam encontrar a *Teresa* circulando livremente pelos campi, livrarias e bibliotecas do país.

Na sua adolescência, *Teresa* se viu obrigada a migrar para o formato digital e foi literalmente enquadrada pelas regras científicas das agências de fomento, sofrendo com a forte padronização imposta às publicações acadêmicas. *Teresa* acabou se distanciando de parte dos colaboradores e leitores fiéis que costumavam dialogar em suas páginas, formando uma autêntica rede de relações intelectuais que acolhia escritores, críticos, músicos, pintores etc.

Ao comemorar vinte anos, *Teresa* pretende entrar novamente em sintonia com a proposta original. O novo projeto gráfico, encomendando ao designer André Stefanini, explora as possibilidades criadas pela linguagem digital, levando para tela espaços consolidados da *Teresa*. Os poetas, como sempre, foram os primeiros a voltar. Neste número, os poemas inéditos ficaram a cargo de Bruna Beber e Júlio Castañon Guimarães.

A “Página aberta”, trincheira do ensaísmo livre e de fôlego, está representada pelo trabalho exemplar e acurado de João Roberto Faria, “Teatro e abolição”. Todas as questões gráficas foram pensadas em diálogo com o projeto e a história cultural da revista. A própria escolha de Otto Maria Carpeaux, homenageado deste número, revela que o nosso maior desafio não era simplesmente recolocá-lo na pauta do dia, mas, partindo da contribuição de um intelectual da envergadura e da coragem de Carpeaux, repensar o lugar da crítica universitária no cenário político atual.

Há oitenta anos, Otto Maria Carpeaux escapou do nazismo e emigrou para o Brasil. Mais importante do que celebrar uma data, julgamos oportuno empreender a discussão e a reflexão sobre o conjunto de

sua obra. Para além de contemplar os diversos campos de interesse e disciplinas do conhecimento que o mobilizaram, procuramos cobrir o arco de sua militância crítica, desde sua atuação como jornalista político, em Viena, até a sua coluna de política internacional no *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, e o seu corajoso ativismo ao lado dos jovens na luta contra a ditadura militar nos anos 60 e 70; da sua longa fidelidade a autores como Machado de Assis, José Lins do Rego e Carlos Drummond de Andrade às sucessivas revisões que empreendeu diante da dramaturgia de Samuel Beckett e da erótica de Henry Miller; da recepção crítica da *História da literatura ocidental* às correspondências com Álvaro Lins, Sérgio Milliet e Gilberto Freyre, cujo círculo se fecha com o testemunho de Antonio Candido.

Para isso, contamos com a presença de especialistas na obra de Otto Maria Carpeaux, entre eles, Mauro Souza Ventura (Unesp), que além do seu próprio ensaio nos franqueou generosamente a publicação de dois artigos de Carpeaux, material inédito da sua atual pesquisa em torno do jornalismo político praticado por Carpeaux em Viena, na década de 1930.

Em função da diversidade do nosso corpo de colaboradores, foi possível resgatar a intensa amizade e o intercâmbio de ideias entre Carpeaux e Álvaro Lins tratado com acuidade por Eduardo Cesar Maia (UFPE); compartilhar um balanço crítico, conceitual e editorial da *História da literatura ocidental*, graças à síntese sóbria e decantada de Roberto Acízelo (UERJ); recompor as suas derradeiras batalhas, por intermédio do comovente texto de Eduardo Gomes Silva (UFSC), que remonta na moviola da sua escrita os últimos movimentos do crítico: do telos à tela, das falas em formaturas ao depoimento para o documentário *O velho e o novo*.

Também não foi pequeno o empenho dos editores para localizar e apresentar um conjunto significativo de inéditos ou de textos raros (até mesmo para especialistas) que nunca haviam sido recolhidos em livro, nem mesmo em coletâneas póstumas. Justamente por isso, a revista abre com dois ensaios de Carpeaux praticamente desconhecidos – “Aspectos sociais da história literária brasileira” (1943) e o longuíssimo “Contos de Machado de Assis” (1972) – este último, inexplicavelmente, nunca incorporado aos acalorados e polêmicos debates em torno da prosa de ficção machadiana. Na sequência, a reflexão rigorosa de Erwin Torralbo Gimenez debruça-se sobre a dialética entre estilo e sociedade que caracteriza tanto Machado como Carpeaux.

O mesmo esforço se deu no âmbito de uma pesquisa iconográfica que buscou incorporar todo tipo de material: cartas, dedicatórias, fotos. Caso, por exemplo, da correspondência entre Carpeaux e Gilberto Freyre, analisada pela professora e crítica Silvana Moreli Vicente Dias (UVA) e que, desde já, torna-se uma leitura de referência. Em outros momentos, a mera aproximação de certos textos propicia a formação de pequenos núcleos teóricos, articulações temáticas que se iluminam reciprocamente, caso aplicável ao trabalho de Silvana Moreli Vicente Dias e ao ensaio problematizador e bem armado de Davi Lopes Villaça sobre *Fogo Morto*. O mesmo raciocínio vale para o meditado ensaio de Alcides Villaça, cujo campo gravitacional tangencia a instigante carta de Otto Maria Carpeaux dirigida à Carlos Drummond de Andrade, selecionada e analisada por Vagner Camilo e Fabio Cesar Alves. Em outras palavras, este número da *Teresa* perseguiu certa organicidade, mimetizando a trajetória intelectual de Otto Maria Carpeaux, desde seus primeiros contatos com a literatura brasileira até os anos dedicados à militância política. Nada disso seria possível sem a participação decisiva de Guilherme Mazzafera, jovem doutorando e profundo conhecedor da obra e da produção bibliográfica do crítico. Ele responde pelos dois ensaios de fôlego que fecham o dossiê. No primeiro, revisita os momentos decisivos da atuação crítica de Carpeaux, e no segundo realiza um balanço equilibrado e atualizado da fortuna crítica.

Os editores agradecem aos colegas do Programa de Pós-Graduação de Literatura Brasileira que efetivamente colaboraram com este número: Alcides Villaça, Erwin Torralbo Gimenez, Fabio Cesar Alves, João Roberto Faria, Vagner Camilo. E, por extensão, a Fábio de Souza Andrade, que na condição de um dos principais intérpretes e tradutores de Beckett, nos brindou com um estudo notável. É preciso destacar e agradecer igualmente a presença significativa de pesquisadores pertencentes ou egressos do Programa de Literatura Brasileira, entre eles, Aline Novais de Almeida, Andréa Jamilly Rodrigues Leitão, Davi Lopes Villaça e Rafael da Cruz Ireno. Assim como à doutoranda em Literatura Alemã, Mariana Holms, que além de assinar uma das resenhas, responde pela tradução de dois textos de Carpeaux.

Ao Guilherme Tauil, também aluno do Programa, pelo empenho como editor assistente dos últimos dois números da *Teresa* e responsável pela renovação do setor de resenhas, dedicado a jovens pesquisadores.

No âmbito das instituições, queremos registrar um agradecimento especial à Biblioteca Mário de Andrade, onde estão depositados os livros

de Otto Maria Carpeaux. Em todas as nossas visitas, encontramos imensa receptividade e espírito de colaboração, seja na sua diretora, Joselia Aguiar, seja nos bibliotecários responsáveis pela Seção de Obras Raras e Especiais, Joana Darc Moreno de Andrade, Rizio Bruno Sant'Ana e Marilza Dutra Pinto. Partilhamos com eles o levantamento de todas as dedicatórias e a descoberta da carta inédita de Carpeaux endereçada ao poeta e crítico Sergio Milliet.

Agradecemos ao Núcleo de Acervo Iconográfico, unidade do Arquivo Público do Estado de São Paulo, por nos atender com prontidão e autorizar a reprodução das fotos de Otto Maria Carpeaux pertencentes ao arquivo do jornal *Última Hora*.

Agradecemos a Guilherme Magalhães e Cristiano Pombo, pela digitalização da nota de Antonio Candido na *Folha da Manhã*, e a Breno Longhi, que conduziu o depoimento de Candido aqui reproduzido.

Não podemos deixar de agradecer à romancista e designer Ana Luísa Escorel por nos autorizar a reproduzir tanto o depoimento de Antonio Candido quanto a pouco conhecida resenha que escreveu sobre *Origens e fins*, segundo livro de ensaios de Carpeaux.

*Teresa* entrou na casa dos vinte. Não vai morrer na praia. *Teresa* está em forma. Otto Maria Carpeaux estampado na capa. *Teresa* está de volta. *Teresa* está saindo. *Teresa* está nas ruas.

OS EDITORES